

# O PAPEL DOS CARDS NA PROMOÇÃO DA ACESSIBILIDADE COMUNICACIONAL: POSSIBILIDADES À PRÁTICA FORMATIVA DE COORDENADORES(AS) PEDAGÓGICOS(AS) EM UM CONTEXTO INCLUSIVO

*Data de aceite: 02/06/2023*

**Jacilene Fiuza de Lima**

**Nelijane Campos Menezes**

**Vanilda Santos Fonseca**

O desenvolvimento de uma proposta pedagógica, que contemple a inclusão de estudantes com deficiência, ainda é um desafio, para muitas escolas. Observa-se falas recorrentes, no contexto das instituições, sobre a falta de preparo, no atendimento aos estudantes com necessidades educacionais especiais. Nesse sentido, é urgente que se instaurem novas práticas e efetivem o compromisso com o engajamento político-social. Além disso, os professores precisam estar aplicados a aprendizagem do grupo, tendo em vista a heterogeneidade das salas de aulas.

Na perspectiva de ressignificação destas pragmáticas é fundamental a

consolidação de uma abordagem inclusiva, posto que se lida constantemente com esses desafios. Nessa circunstância, o coordenador pedagógico tem papel preponderante no apoio do *devoir* docente, e deve contribuir na superação dos seus obstáculos. Conforme Placco (2015), a existência do coordenador pedagógico é de fundamental importância para implementação e desenvolvimento do projeto pedagógico da escola, e a função demanda-lhe saberes e aprendizagens diferenciados para a sua atuação, sobretudo, junto aos professores.

Outrossim, as tecnologias são, também, aliadas na formação dos profissionais da educação, em razão de favorecer o contínuo processo de admissão digital e de erudição dos indivíduos. Nesta linha a necessidade de acesso à internet, imposta durante o avanço da pandemia<sup>1</sup> da Covid-19<sup>2</sup>, fomentou o progresso intelectual e o desenvolvimento das novas

1 Epidemia de doença infecciosa que se disseminou para vários países, com frequência mais de um continente e que afeta geralmente um grande número de pessoas (Organização Pan-Americana da Saúde, 2021).

2 A Covid-19 é uma infecção respiratória aguda causada pelo coronavírus SARS-CoV-2, potencialmente grave, de elevada transmissibilidade e de distribuição global (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2021).

estratégias de ensino-aprendizagem.

Devido à crise sanitária, as aulas passaram a ser realizadas remotamente; sendo necessário elaborar um subprograma interativo/dinâmico/inovador, para despertar o interesse dos estudantes e atingir bons resultados. Isso posto, as ferramentas e recursos tecnológicos, antigos vilões - por desviarem a atenção dos alunos - tornaram-se parceiros do sistema educacional.

Os aplicativos, já utilizados diariamente pelos discentes, para o entretenimento, converteram-se em suporte de ensino, por causa das aulas e atividades transmitidas através de celulares e computadores. Pode-se citar, por exemplo, as plataformas de videoconferência, *Google Meet* e *Teams*, e o Programa de *design* gráfico *Canva*, recursos bastante utilizados nesse período.

Entende-se que o uso da *net*, com propósito educativo, facilita o acesso a novas referências técnicas e culturais. Entretanto, muitos professores tiveram dificuldades para manejar as ferramentas, devido à pouca experiência com o uso destes dispositivos. Para muitos destes profissionais, administrar um computador ou um *smartphone*, com muitas funções, ainda é desafiante.

Estes obstáculos foram acolhidos pelo Programa de Extensão do Grupo de Pesquisa Educação Especial, Inclusão e Diversidade (EDUCID)<sup>3</sup>, no módulo intitulado “O papel dos cards à acessibilidade comunicacional”. Visou-se, com o manual, subsidiar o corpo docente, com a *expertise* em seus acessórios digitais, novidades naquele contexto. O material explora o uso do programa de *design* gráfico, utilizado para a criação de *cards* de viés inclusivo. Entende-se que, de posse destes postulados, esta categoria estaria apta para disponibilizar conteúdos aos educandos com deficiência.

O *Canva* é uma plataforma com quadros de diagramas, que permite ao usuário criar apresentações visuais, de interesses diversos, exposições escolares, pôsteres, infográficos etc. Esse suporte lógico se destacou por disponibilizar versões gratuitas, no computador ou no celular. Nesse utilitário, os *cards* são informações resumidas, interativas e de rápida compreensão, emitidos em formatos retangulares. É importante frisar que este modelo de informação já é utilizado, na web, na construção de *sites*, por grandes empresas, como, *Facebook*, *Instagram*, dentre outros.

A escolha dessa plataforma justifica-se pelo fato de ser de fácil consulta, ofertada gratuitamente, tanto para estudantes quanto para professores, além de leigos de todas as idades, em diferentes equipamentos. Portanto, se trata de um mecanismo que pode apoiar a reduzir os impasses e efetivar um ensino mais socializado, competente e hábil. Ademais, amplia a prática pedagógica, da gestão e dos professores, promovendo um processo que adota práticas ancoradas nas tecnologias, em prol da educação inclusiva.

---

3 O EDUCID está vinculado ao Mestrado Profissional em Gestão e Tecnologias Aplicadas à Educação (GESTEC), da Universidade do Estado da Bahia (UNEB).

## **CARD PARA ESTUDANTES COM DEFICIÊNCIA: ORIENTAÇÕES À CONSTRUÇÃO DE UM MATERIAL ACESSÍVEL**

As medidas de enfrentamento contra o vírus da Covid-19 impactaram no modo de vida da população, sobretudo por causa das restrições à interação física. O isolamento social provocou bloqueios, e o setor pedagógico precisou valer-se do ensino remoto a fim de dar continuidade ao processo de qualificação, nesse cenário. Desse modo, instituições de ensino, desde sistema básico ao superior, adotaram o uso de Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDIC) para o prosseguimento de seu programa.

Nesse novo contexto, os encontros, nas plataformas digitais de comunicação instantânea, cresceram vertiginosamente, possibilitando o cumprimento de ações, a exemplo de serviços *online*, reuniões universitárias e confraternizações. Diante da nova realidade, foi necessário ressignificar a compreensão sobre a distância entre as pessoas e transcender o olhar para as interações nos ambientes virtuais.

Destarte, Sales (2013) chama a atenção de que a distância pode ocorrer ou não com a presença física, uma vez que o sujeito pode optar por se “ausentar” (aspas nossas) dos processos vivenciados, quando rejeita a participação e a interação em algumas circunstâncias encontradas na educação presencial. Isto posto, a realização de um curso de extensão, que uniu pessoas de diferentes espaços geográficos e contextos, através da mediação tecnológica, foi uma valiosa oportunidade de consciência sobre a presença física.

Avaliando a importância das tecnologias em uma pandemia e a necessidade de um *upgrade* na mentalidade pedagógica, brotou o módulo 2 (dois), intitulado: “O papel dos cards à acessibilidade comunicacional”. O compêndio, sob a responsabilidade de 2 (duas) mediadoras, do Grupo de Pesquisa EDUCID, foi transmitido, no dia 15 de setembro de 2021, pelo *Google Meet*, das 19h00 às 21h00 horas. Esse exemplar integrou, com mais 3 (três) módulos, as 8 (oito) horas do curso de extensão *O uso do Canva na prática formativa do coordenador pedagógico para a potencialização de estratégias pedagógicas junto aos estudantes com deficiência*. Para a estruturação e realização do fórum de discussão, contou-se com uma equipe constituída por 2 (duas) doutoras, 1(uma) mestre, 5 (cinco) mestrandas e 1(uma) bibliotecária.

Já é trivial o objetivo do segundo bloco - apresentar, aos pedagogos, novos caminhos de criação de exercícios num outro prisma, a partir de *cards*, no *Canva*. Para isso, adotou-se uma abordagem qualitativa, além da observação, como técnica de auferir o envolvimento e conhecimento da plenária, no encontro formativo. A análise ocorreu através das perguntas realizadas via *chat*, e por meio do esclarecimento de dúvidas, sobre os assuntos abordados. Foram realizados momentos de escuta, nos quais foi possível captar as experiências dos espectadores, acerca de suas práticas apoiadas nas tecnologias direcionadas à educação especial inclusiva. Essa postura corroborou com o que propõe Macêdo (2015), na altura

em que destaca os saberes da experiência como resultado do vivido pensado e, assim, enfatiza que a apreensão da experiência ocorre por atos de compartilhamentos de sentidos e significados.

Em vista disso, no decorrer da sessão, incentivou-se, a todo o instante, o diálogo, quer seja no esclarecimento de dúvidas quanto na socialização de suas práticas a partir da realidade vivenciada por cada um. Assim, os registros realizados pelas conferencistas alavancou significativamente a análise do referido tutorial.

No intuito de um debate de crescimento, a sessão foi dividida em dois momentos. O primeiro aventou as seguintes abordagens: redes sociais a favor do desenvolvimento pedagógico; uso de *cards* para produção de atividades pedagógicas; elementos de *design* para elaboração de atividades pedagógicas; audiodescrição. No segundo tempo, propôs-se as seguintes temáticas: elementos para a composição de *cards* que atendam os estudantes com baixa visão; benefícios do *card* e da audiodescrição para estudantes com deficiência intelectual/síndrome de Down e, por fim, subsídios do *card* ao trabalho da coordenação pedagógica.

Na reunião, vislumbrou-se o aprofundamento conceitual, por meio das questões abordadas. Além disso, operaram-se com as ferramentas da Plataforma *Canva* necessárias à construção de um *card*, para o apoio ao estudante com deficiência intelectual na formação de conceitos. O colóquio iniciou-se com uma dinâmica, a “nuvem de palavras” (aspas nossas), fomentando os conhecimentos prévios do público, com relação ao que era preciso para criar um dispositivo eficaz. A partir desse questionamento foram suscitadas as seguintes respostas:



Figura 1- Respostas dos participantes à pergunta: o que é possível para criar um *card* acessível?

Fonte: elaborado pelas autoras (2022).

A consecução da atividade inicial ratifica que o uso do acessório potencializa o

ensino, já que as respostas eram apresentadas em tempo real, com qualidade. Desse modo, corroboramos com o entendimento de Pinheiro e Sales (2012, p. 40) a este respeito, quando afirmam que “[...] os avanços tecnológicos oferecem várias ferramentas de comunicação e gerenciamento da informação em redes de interação que se caracterizam por permitir a troca de informações e construção coletiva de conhecimentos”. O grupo expôs, também, uma noção do tema, de modo que destacaram a criatividade, a sensibilidade e o conhecimento - aspectos necessários a uma produção exequível. A partir daí, ampliou-se a querela sobre o uso das redes sociais, no contexto educacional e dos *cards* como um modelo de comunicação.

As mídias são universos atraentes, para as pessoas de todas as idades: principalmente as crianças e os adolescentes. O capital simbólico da *internet* está no estímulo à autonomia e na redução de fronteiras planetárias. Sendo assim, a mestria da *web* é o fato de contribuir para o acesso a novas culturas, o que favorece a interseccionalidade. Hoje, através dos *apps*, é possível planejar, construir e compartilhar atividades em conexão, mesmo em diferentes territórios; por isso, é importante a capacitação virtual.

Mirando o alvo, foram informados os recursos e técnicas que ampliaram o conhecimento: as teclas de atalhos que podem facilitar o manuseio da plataforma, os elementos de *design* gráfico com aspectos de acessibilidade. Ademais, foram apresentadas as saídas para a realização da leitura inclusiva, aos alunos com deficiência ou baixa visão. Para tanto, foi necessário contar com a Audiodescrição (AD) que, segundo Motta e Filho (2010), é

[...] uma atividade de mediação linguística, uma modalidade de tradução intersemiótica, que transforma o visual em verbal, abrindo possibilidades maiores de acesso à cultura e à informação, contribuindo para a inclusão cultural, social e escolar. Além das pessoas com deficiência visual, a audiodescrição amplia também o entendimento de pessoas com deficiência intelectual, idosos e disléxicos. (MOTTA, 2010, p. 11).

Assim, a tática foi pensada para compor esta fase do curso por entendermos que, apesar de ser utilizada no Brasil desde 1975, ainda é um recurso de tecnologia assistiva desconhecido para muitas pessoas. O mecanismo contribui com o enriquecimento científico da pessoa com deficiência visual por proporcionar o acesso ao texto, imagens, tabelas, gráficos, dentre outras possibilidades. As indicações são essenciais para a cognição, como destacam Santos e Souza (2019):

[a]tividade essencial na aquisição e expansão do vocabulário, a leitura contribui para uma maior compreensão acerca de variados temas, não só aqueles ligados à vida escolar, mas principalmente aos ligados à realidade que cerca o leitor. Entende-se que a mesma permeia toda a vida do indivíduo, estando para além da escola, ler é interpretar o mundo. (SANTOS; SOUSA, 2019, p. 244 -245).

**Constata-se que a audiodescrição desempenha papel essencial na vida da pessoa**

com cegueira ou baixa visão, por contribuir com o processo de dignidade e independência literária do estudante. É evidente que o uso desse artifício, tanto garante a presença da acessibilidade nos mais diversos contextos, quanto viabiliza a inclusão em nossa sociedade.

Nessa perspectiva, ao iniciar a atividade do segundo módulo, as moderadoras realizaram audiodescrições desse domínio e solicitaram que os outros convidados fizessem o mesmo; um momento ímpar para eles. A narrativa é, entre outras coisas, falar de si, e essa não é uma tarefa simples - inclusive para os professores, os quais deveriam ser persuasivos por natureza.

O sistema de tradução de imagens em palavras também foi explorado durante a apresentação do curso, através da leitura dos *slides*. Esta performance foi considerada, na visão coletiva, um método moderno, capaz de contribuir com as atividades realizadas junto aos educandos com deficiência. A AD, também, é um procedimento que atenua os desafios à inclusão na escola e, quando não diminui, combate o isolamento. No tocante a essa questão, enfatiza Mantoan (2003, p. 18) “[...] é preciso expulsar a exclusão de nossas escolas e mesmo de fora delas e os desafios são necessários, a fim de que possamos avançar, progredir, evoluir em nossos empreendimentos [...]”. Esse movimento ganha força com algumas ações:

- prosseguimento às possibilidades de utilização dos *cards*, composto por elementos que possam atender a estudantes com baixa visão (assim, orientou-se a necessidade de uso de letras sem serifa);
- utilização de linha como borda, que delimita o campo de visão e facilita a leitura;
- emprego de formas geométricas para o favorecimento de habilidades e do raciocínio lógico;
- necessidade de cuidado maior com a cor de plano de fundo e tamanho das letras para não tornar o texto ilegível, dentre outros aspectos.

Portanto, julgou-se a oficina apropriada para os indivíduos com deficiência, dentre os quais, aqueles com deficiência intelectual/síndrome de Down. A respeito dos benefícios do uso destas tecnologias, Bonilla e Souza (2005, p. 79) asseveram que “[a]s tecnologias modificam as linguagens, os ritmos e modalidades da comunicação, da percepção e do pensamento; atuam com proposições, exteriorizam, objetivam, virtualizam funções cognitivas e atividades mentais”.

Então, após as reflexões, assimilou-se a organização do *card* e da audiodescrição. Inicialmente foram apresentados os aspectos particulares que possivelmente caracterizam os sujeitos com deficiência intelectual/síndrome de Down, a exemplo do processamento cognitivo diferenciado para o aprendizado. O fato de requererem maior tempo para compreensão da fala e ação, e a maneira diferenciada de se relacionar com o mundo, porque necessitam de mais tempo para aprender (PORTELA, 2014) são outras marcas inerentes àquele que possui necessidades especiais. Por isso, a busca por suportes

adequados ao estudante, nesta condição, pode apoiá-lo na superação das barreiras no seu aprendizado.

Nesse ângulo, foi apresentada uma proposta de quadro destinada a apoiar na formação de conceitos. Orientou-se considerar: o seu nível de aprendizagem; talentos demonstrados; assuntos com os quais simpatizam; possíveis entraves e conteúdo que se pretende adequar. Desse modo, o *card* não deveria ser visto como um paliativo, mas como recurso pedagógico. Por esta razão, coadunamos com Bersch e Machado (2010), na altura em que afirmam que os recursos pedagógicos são ações ou práticas educacionais projetadas para atender um objetivo específico da aprendizagem.

Posteriormente, ocorreu a produção de uma “ficha” (aspas nossas) coerente com as questões acima descritas e baseada em um estudo de caso trazido por uma das mediadoras. Assim, germinou um material que pode ser aproveitado por um estudante com síndrome de Down, do 5º ano. O assunto escolhido foi cadeia alimentar, admitindo-se que o referido estudante demonstra aptidão no reconhecimento das letras, contagem simples e compreensão do que é solicitado.

Seguiram-se determinadas ações até chegar ao produto final: a escolha do modelo; a utilização de uma fonte sem serifa, tipo de letra apropriada para conteúdo digital acessível porque não possui itens ou prolongamentos nos caracteres que prejudicam a diferenciação entre eles (PLETSCH et al., 2020). Foram socializadas as normas de configuração textual, além das figuras, vídeos e áudios que apoiaram a aquiescência da teoria. No decorrer da mediação, os participantes revelaram entusiasmo com as possibilidades de criação no *Canva*.

Outro aspecto observado refere-se à intenção das coordenadoras e professoras de incluírem o *software* em suas atividades. Assim, o curso impulsionou os profissionais a ousarem na criação de material, com as ferramentas de *design* gráfico. Nesse sentido, é perceptível que os mestres ficaram motivados a incluir os estudantes com deficiência nas escolas.

O maior benefício do *card* é a compreensão dos conceitos desenvolvidos nas diferentes disciplinas. Nos *cards*, a animação da linguagem visual e sonora propicia o aprendizado de modo alternativo. Com a sua audiodescrição, o estudante com deficiência intelectual obtém a informação expandida, tendo em vista que este pode precisar de tempo diferenciado para dominar o conhecimento.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Atingiu-se o objetivo: apresentar, aos coordenadores da educação básica, novas possibilidades para o desenvolvimento de atividades pedagógicas, com perspectiva inclusiva, através de *cards* criados na plataforma de *design* gráfico *Canva*. Em vista disso, observou-se que os cursistas adotaram postura participativa e curiosa, diante dos temas

abordados, no decorrer do módulo 2 (dois).

Além disso, ficou evidente o entusiasmo com os recursos de criação da plataforma, posto que realizaram comentários no chat referentes às contribuições conquistadas. No processo, também, solicitou-se esclarecimento de dúvidas e maiores informações sobre ações específicas.

Concluiu-se que as discussões sobre os tópicos do módulo “O papel dos *cards* à acessibilidade comunicacional” é relevante e fomenta uma proposta inovadora. Destarte, a tecnologia foi abordada sob um prisma que vai agregar na produção e no uso de recursos. Somado a isso, a contextualização dos assuntos do curso ampliou os conhecimentos, na direção de procedimentos mais assertivos para os estudantes.

Diante da experiência relatada, sugere-se a realização de mais estudos que priorizem o aperfeiçoamento de coordenadores pedagógicos, sobretudo os da rede pública de ensino. Em razão disso, espaços de escuta são indispensáveis às novas possibilidades de resignificação de suas práticas no caminho da inclusão educacional.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Laurinda R.; PLACCO, Vera Maria N. S. (Orgs.). **O coordenador pedagógico e o atendimento à diversidade**. 3 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2015.

BERSCH, Rita; MACHADO, Rosângela. **Atendimento educacional especializado do aluno com deficiência**. Cotidiano Escolar. Ação Docente. São Paulo: Moderna, 2010.

BONILLA, M. H. S.; SOUZA, J. S. de. A práxis pedagógica presente e futura e os conceitos de verdades e realidades frente às crises do conhecimento no século XX. In. PRETTO, Nelson De Luca. **Tecnologia e novas educações**. Salvador: EDUFBA, 2005, p. 70-81.

MACEDO, R. S. **Pesquisar a experiência**: compreender/mediar saberes experienciais. CRV: Curitiba, 2015.

MANTOAN, M. T. E. **Inclusão escolar**: o que é? por quê? como fazer? São Paulo: Moderna, 2003. 50 p.

MOTTA, L. M. V. de M.; ROMEU FILHO, P. (Orgs.). **Audiodescrição**: transformando imagens em palavras. São Paulo: Secretaria dos Direitos da Pessoa com Deficiência do Estado de São Paulo, 2010. Disponível em: [http://www.blogdaaudiodescricao.com.br/livro-transformando-imagens-em-palavras?fbclid=IwAR3FSgXKh3UBkDP-R9PA\\_h9YQgeuLswY-LAvwgPXw7PxH11cYZUTd32Y37Y](http://www.blogdaaudiodescricao.com.br/livro-transformando-imagens-em-palavras?fbclid=IwAR3FSgXKh3UBkDP-R9PA_h9YQgeuLswY-LAvwgPXw7PxH11cYZUTd32Y37Y) Acesso em: 23 out. 2018.

PINHEIRO, M. T. de F.; SALES, K. M. B. A autonomia tecnológica nos processos de formação: oferta curricular semipresencial em cursos presenciais de graduação. **Revista Poiesis**. v. 5, n. 9, p. 34 – 50, Jan./Jun. 2012. Disponível em: <https://portaldeperiodicos.animaeducacao.com.br/index.php/Poiesis/article/view/963>. Acesso em: 06 jul. 2022.

PLETSCH, M. D. (org.). **Acessibilidade e desenho universal aplicado à aprendizagem na educação superior**. Nova Iguaçu: ObEE, 2020.

PORTELA, C. P. J. **Convivendo com a deficiência intelectual**: percursos de cuidado e educação nas redes parental e social de apoio. (Tese) – Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade -PPGEDUC da Universidade do Estado da Bahia-UNEB. Salvador, 2014. Disponível em: <http://www.cdi.uneb.br/site/wp-content/uploads/2016/04/TESE-EM-PDF-CLAUDIA-PARANHOS-DE-JESUS-PORTELA-1-1.pdf>. Acesso em: 1 nov. 2021.

SALES, K. M. B. **Cognição em ambientes com mediação telemática**: uma proposta metodológica para análise cognitiva e da difusão social do conhecimento. (Tese) – Doutorado do Programa de Doutorado Multi-Institucional e Multidisciplinar em Difusão do Conhecimento – DMMDC da Universidade Federal da Bahia – UFBA, 2013. Disponível em: [https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/12992/1/Tese%20DMMDC\\_Kathia%20Sales.pdf](https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/12992/1/Tese%20DMMDC_Kathia%20Sales.pdf). Acesso em: 06 out. 2020.

SANTOS, A. C. V.; SOUSA, P. S. A leitura como inovação na era digital: desafios e possibilidades do projeto “Um pé de ler nas Escolas Erasmo de Oliveira Carvalho e CETEP Sisa”. *In*. HEINE, Maria Luiza; PORTELA, Cláudia Paranhos de Jesus. (Orgs.). **De analógico a digital**: novos paradigmas na educação. Ibicaraí/BA: Via Litterarum, 2019, p. 241 - 259.